

Schmidt, Max. 1914. Die Aterrados am Caracara-Fluss. In Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-Fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv: Beiträge zur Völkerkunde*, 4, 251-266.

Tradução de Kristina Balykova

OS GUATÓ E A SUA REGIÃO.

OS RESULTADOS ETNOLÓGICOS E ARQUEOLÓGICOS DA EXPEDIÇÃO AO RIO CARACARÁ NO MATO GROSSO POR MAX SCHMIDT.

I. Os aterros do rio Caracará¹

Subindo o rio Paraguai num navio a vapor e passando pelo trecho entre Corumbá e São Luís de Cáceres ao norte das baías Gaíva e Uberaba, veem-se vários morros de terra, de aparência igual, que se levantam à direita numa área pantanosa. Logo abaixo de Descalvados, um desses morros se aproxima da beira do Alto Paraguai, de maneira que um dos seus lados é lavado pelo rio e, assim, sua estratificação está exposta. Koslowski, que examinou esse morro, indicou como um dos seus componentes uma camada de conchas com 0,5 metros de largura e, em cima, uma camada de húmus. Com base nisso e na presença de restos de osso, ele logo concluiu que se tratava de um kjökkenmödding da tribo extinta dos Xarayes². Visto que Koslowski não realizou uma investigação mais detalhada por meio de escavações, seus dados não permitem nenhuma conclusão definitiva sobre o caráter desse suposto kjökkenmödding. Se a conclusão de Koslowski fosse correta e se tratasse de um morro que surgiu como um antigo kjökkenmödding através da acumulação de restos de comida e outros detritos dos antigos habitantes, este amontoado de conchas não teria nenhuma relação com os aterros dos Guató que investiguei no rio Caracará. Embora, nestes últimos, a camada superior seja permeada por conchas de caracóis e de moluscos aquáticos, no resto, eles são compostos de terra preta. A aparência dos morros mencionados, que podem ser vistos à direita mais afastados da beira do rio, corresponde tão bem à aparência dos aterros do rio Caracará que, muito provavelmente, se trata de mesmas estruturas, geradas pelos mesmos ou, no mínimo, muito semelhantes habitantes.

A investigação científica deve resolver a pergunta sobre o caráter dos morros permeados por restos de cultura humana considerando três aspectos. Primeiro, se os morros devem o seu surgimento a alguma atividade humana, mesmo que sejam compostos sobretudo de terra ou de conchas, ou se sua origem é de caráter mais natural e eles começaram a servir como lugares de permanência humana já depois do seu surgimento. Segundo, supondo que os morros foram criados pela atividade humana, se eles foram uma consequência secundária dessa atividade, por exemplo, através da acumulação de montes de lixo, ou por fim, se eles foram construídos pela mão humana intencionalmente com algum objetivo específico e qual foi esse objetivo da construção em cada caso individual.

Em relação à primeira questão que acabamos de colocar para julgar os montes de conchas em lugares elevados à beira de rio, como o morro observado por Koslowski no Alto Paraguai, não podemos ignorar sobretudo um aspecto que, segundo minha experiência e pesquisas, pode ter um papel importante no surgimento dos montículos de

¹ Para a orientação, faço referência a meu breve e preliminar relato de viagem: Schmidt, Max. 1912. Reisen in Matto-Grosso im Jahre 1910. *Revista de Etnologia [Zeitschrift für Ethnologie]*, Caderno 1, pp. 131-137.

² Cf. a página 236 de Koslowski, Julio. 1895. Tres semanas entre los indios Guatos. *Revista del Museo de la Plata*, pp. 221-250.

conchas naquelas áreas pantanosas. Como pude observar muitas vezes, os pequenos lugares à beira de rio que são naturalmente elevados e, por isso, pouco ou não inundáveis durante o período de chuvas proporcionam um espaço apropriado para algumas árvores altas. Essas árvores separadas constituem durante o ano lugares de repouso para aquelas aves mergulhadoras de pescoço comprido, que os brasileiros chamam de biguá (*Carbo Brazilianus*). Essas aves consomem moluscos e outros animais que elas tiram da água, em parte, nas árvores, utilizadas também como lugares de repouso durante a noite. Por causa disso, embaixo de algumas árvores na beira do rio, se acumulam naturalmente os dejetos de refeições das aves, ao lado de grossas camadas de fezes. Assim, a beira do rio, já elevada por si só, se levanta cada vez mais em relação ao terreno adjacente. É compreensível que, durante as temporadas em que toda a área pantanosa adjacente é coberta por água, esses lugares elevados fornecem os únicos pontos secos a longas distâncias, servindo como refúgio para outros animais e, por séculos, sendo utilizados por viajantes como cais e lugares de descanso. Por isso, não se deve ficar surpreso quando, nesses lugares, os restos de cultura humana ou restos de esqueletos humanos são encontrados ao lado de conchas de caracóis e de moluscos aquáticos, e essas últimas não devem ser imediatamente associadas com o consumo de moluscos por humanos.

De cinco aterros que vi pessoalmente na área pantanosa do rio Caracará, nos pontos indicados no esboço de mapa na Figura 1, pude examinar mais de perto apenas dois ao norte. Os três ao sul ficam relativamente perto um do outro e, segundo minha estimativa, a 1,5, 3 e 5 quilômetros da beira do rio. Eu não pude chegar neles de barco devido a uma vegetação pantaneira totalmente intransitável que os separava do rio. Eles também se destacam da paisagem pantaneira como pequenas e densas florestas. De acordo com os relatos dos Guató, não resta dúvida que um número maior de tais aterros está espalhado pela bacia do rio Caracará. Por exemplo, um deles deve estar situado perto da casa de João, indicada no mapa, e só não pudemos vê-lo por causa das árvores que crescem no meio. Visto que, por enquanto, não sabemos o quão longe a área dos aterros se estende para o oeste e o nordeste, a presente pesquisa de modo algum pode ser vista como conclusiva no que diz respeito à propagação geográfica dos aterros.

Os dois aterros que investiguei com mais precisão por meio de escavações e medições estão localizados cada um de um lado do rio Caracará (cf. o esboço de mapa na Figura 1) a uns 2 quilômetros da beira do rio e da casa do chefe Caetano situada na beira (compare as Figuras 2 e 3). O terreno entre a beira do rio e os aterros assim como todo o ambiente em volta deles eram tão baixos que ficavam em grande parte submersos, mesmo com o baixo nível de água no rio, como foi o caso durante a minha viagem. Por isso, o maior aterro, situado no lado esquerdo do rio, só pôde ser alcançado de canoa, e para chegar a pé no menor, situado no lado direito, tivemos que atravessar os trechos mais longos por água bastante alta. Nessas superfícies pantanosas baixas, cobertas por junco alto e denso e por grandes cupinzeiros, se elevam os aterros, vistos já de longe como relativamente pequenas manchas de floresta densa. O nível do solo dos aterros é apenas de aproximadamente 0,5 metros em relação à superfície pantanosa em volta, mas essa pequena diferença já é capaz de proporcionar condições de existência necessárias para uma vegetação totalmente distinta. Visto que a investigação mais precisa da área

adjacente aos dois terrados demonstrou que a acumulação de terra correspondia a um abaixamento do nível do solo a alguma distancia, claramente causado pela retirada da terra necessária para o aterro, não se pode duvidar que esses aterros são de fato obras artificiais dos humanos, construídas intencionalmente para um fim específico e não são, por exemplo, apenas consequências secundárias de alguma atividade humana.

No que concerne primeiramente a estrutura e a forma externa dos aterros, está claro que desde o início era escolhido um local o mais elevado possível dentro da área baixa e pantanosa. Pelo que o exame de camadas do solo permite identificar, essas duas condições deviam estar presentes simultaneamente: 1) um local elevado para fornecer um núcleo firme e apropriado para a construção dos respectivos aterros e 2) uma área baixa e pantanosa nas proximidades para extrair o húmus preto do qual é composta a acumulação de terra. Aqui vemos novamente que, nas investigações como a presente, deve-se dar um valor maior às condições proporcionadas pela natureza a semelhantes construções humanas.

Para fazer uma investigação precisa, realizei várias escavações nos aterros. Aproximadamente no centro do aterro maior, escavei um buraco medindo cerca de 1 metro em diâmetro e até 0,95 metros em profundidade. De acordo com a escavação, o chão de terra preta trazida artificialmente tinha a profundidade de 0,55 metros. Portanto, essa profundidade correspondia aproximadamente à altura com o qual o aterro se destacava da área adjacente. Embaixo dessa camada de terra preta, se encontra uma terra clara e firme que contém argila e, na sua superfície, parece ser endurecida pelo fogo. Isso pode ter sido causado principalmente pela queima da vegetação originária antes da colocação do húmus. Porém, os caroços de argila vermelha e queimada sem forma, numerosos na fronteira entre as duas camadas de terra e que eu trouxe em grande quantidade, permitem concluir que neste local de solo elevado foram criados também focos de incêndio menores e mais intensos. As escavações que realizei em diversos pontos no menor dos dois aterros dão uma imagem totalmente idêntica. A profundidade da camada de terra preta era aqui aproximadamente a mesma que no aterro maior. No local de escavação indicado na Figura 5, medi a profundidade da camada de terra preta em 0,45 metros. Embaixo dela, aqui também se encontrava um solo natural contendo argila. O principal resultado dessas investigações é que os aterros foram construídos por humanos artificialmente para um fim específico e que o húmus preto e fértil foi trazido dos locais baixos na área pantanosa para cobrir a camada de terra estéril composta de argila nos locais elevados.

O formato externo dos aterros é tão uniforme que, já por causa dele, dificilmente se poderia duvidar do surgimento artificial dos aterros. A Figura 4 reproduz o aterro maior, e a Figura 5 o menor. Os dois esquemas têm o formato aproximado de uma elipse, sendo que o formato do aterro menor tende mais para um círculo. De acordo com as medições exatas que realizei com uma fita métrica, o maior comprimento do aterro maior é cerca de 140 metros e sua maior largura é 76 metros. O maior comprimento do aterro menor é 52 metros e sua maior largura é 45 metros. Os dois aterros eram cobertos por uma floresta densa e alta. As árvores grandes e grossas foram em parte derrubadas por forças da natureza, contribuindo para que a vegetação permeada por cipós espinhosos se

tornasse ainda mais impenetrável. Os tatus e outros animais reviraram a terra preta em vários pontos. Julgando pela aparência externa, a natureza retomou essa obra humana para si completamente. Porém, veremos a seguir como as pessoas ainda utilizam esses aterros, construídos por seus antepassados há muito tempo, assim como os utilizaram durante longos períodos no passado, a julgar pelos achados dentro da camada superior de terra. Veremos que os Guató ainda enterram seus mortos nesses morros artificiais da mesma maneira como outrora o faziam os seus antepassados e que, ainda nos tempos de hoje, mantêm nos aterros suas plantações de palmeiras acuri, que foram, ao que tudo indica, o motivo para que seus antepassados construíssem os aterros, a fim de proporcionar as condições de existência necessárias para essas palmeiras tão estritamente ligadas com o seu modo de vida. Mesmo para a população guató atual, os aterros têm uma importância tão grande que cada aterro tem um dono bem definido e, um pouco antes da minha chegada, os Guató do baixo rio Caracará e os do alto rio Caracará tiveram brigas amargas pela posse de alguns aterros.

Enquanto no aterro menor atualmente não se acha mais nenhuma plantação de acuri, uma plantação se encontra no aterro maior, mais precisamente, na sua parte central, como mostra a Figura 6. Já no meu livro *Indianerstudien in Zentralbrasilien*, eu destaquei um grande significado atribuído às plantações de palmeiras acuri na vida dos Guató. Vimos que as folhas das palmeiras são usadas para cobrir as casas e têm um papel importante como material para trançados, que seus frutos servem como alimento e que, principalmente, seu suco produz a verdadeira bebida nacional dos Guató, a chicha, *amokirda*. Os Guató cujas moradias visitei nas baías Gaíva e Uberaba em 1901 não tinham aterros para suas plantações de acuri nem precisavam deles porque os morros cobertos por florestas que circundam aquelas baías já fornecem condições de existência necessárias para as palmeiras. Visto que daquela vez eu permaneci entre os Guató em outubro, justamente na época do consumo de chicha, que para com o poderoso começo das chuvas, pude ser testemunha da maneira interessante como a bebida fortemente intoxicante é obtida do suco de palmeira acuri³. Lá também cada família tinha uma plantação de acuri própria, que geralmente ficava a alguma distância das moradias. Para obter a bebida nacional predileta, primeiro as grandes folhas da palmeira devem ser dobradas para baixo com força. Na base superior do tronco da palmeira, usa-se uma concha ou um pedaço de ferro para raspar um orifício em que o suco fica acumulado e se fermenta. Para bebê-lo, toda a família sobe para cima da palmeira com a ajuda de postes entalhados que servem como escadas e suga a bebida intoxicante do orifício com um pequeno canudo. O orifício, que deve ser completamente esvaziado durante o dia, é raspado de novo às noites, ficando cada vez mais profundo. Para a questão das plantações de acuri nos aterros é também importante que em uma área vizinha maior um maior número de palmeiras acuri é preparado dessa maneira e que, com o fim do período da chicha, as palmeiras privadas do seu suco morrem.

No meio da plantação de acuri, encontrei uma sepultura guató ainda fresca (cf. a Figura 6), marcada por dois pedaços de madeira de aproximadamente 0,5 metros de altura fincados no chão. Segundo João, meu acompanhante guató, dos dois paus separados por

³ Cf. a página 152 de Schmidt, Max. 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien*.

2 metros de distância, um devia corresponder à extremidade superior e o outro à extremidade inferior do corpo enterrado em uma posição esticada. Esse mesmo perito me disse que os corpos eram enterrados com a cabeça para o oeste e os pés para o leste, o que corresponde à direção dos dois paus. Segundo as informações do Guató, os corpos eram enterrados perto da superfície da terra.

A seguir, passo à discussão das descobertas que fiz nas escavações dos aterros, diferenciando as descobertas feitas em quaisquer outros pontos dos achados feitos numa antiga sepultura no aterro menor. Enquanto o húmus preto, trazido artificialmente, é permeado por toda parte por cacos de cerâmica, conchas de caracóis e moluscos aquáticos e ossos de animais em todos os pontos escavados, nada disso é encontrado abaixo, na firme camada de terra que contém argila. Primeiro, é preciso se voltar à questão de como esses objetos foram parar em tanta quantidade na terra preta dos aterros e porque eles permeiam a camada inteira da maneira tão uniforme. De novo, a aparência da natureza em volta dos e nos aterros já pode nos dar certos indícios para resolver essa questão. Para começar, os cacos de cerâmica e os demais objetos claramente elaborados por humanos devem, naturalmente, provir das paradas de pessoas nos aterros, pois seria impossível que eles fossem transportados em tanta quantidade no húmus que foi retirado da área pantanosa. Ainda fica a questão de até que ponto eles apareceram simplesmente por causa das paradas de pessoas no aterro, quando foram deixados para trás como objetos perdidos, sem dono ou sem utilidade, ou até que ponto eles foram enterrados como objetos funerários junto com os mortos. Em ambos os casos, ainda resta esclarecer por que esses fragmentos são todos pequenos e, apenas raramente, se encontram dois pedaços relacionados um com outro, e como eles foram espalhados pela camada de húmus inteira de uma maneira quase uniforme. As particularidades dos achados permitem concluir que a ocorrência massiva de cacos de cerâmica deve ser atribuída a ambos os aspectos acima citados. O fragmento de cerâmica relativamente grande sob o número 2 na 2ª fileira da Figura 18 estava na superfície do aterro pequeno. As circunstâncias em que foi descoberto esse fragmento, que corresponde totalmente aos vasilhames de cerâmica dos Guató atuais, causam a impressão de ele ter sido deixado pelos Guató que estiveram no local há pouco tempo. Visto que ainda hoje, durante as festas de chicha, os Guató costumam preparar e realizar suas refeições nas plantações de acuri, é natural que os restos de panelas e de jaras de água utilizadas ficassem no local, principalmente, se considerarmos que em volta das moradias dos Guató também há grandes quantidades de cacos de uma cerâmica pouco queimada e, portanto, extremamente frágil. Por outro lado, uma investigação mais precisa de uma antiga sepultura no aterro pequeno, sobre a qual falarei em detalhes mais à frente, mostra claramente que os fragmentos de cerâmica, assim como outras ferramentas, eram enterrados junto com o morto. Com o descobrimento de mais esqueletos, pude constatar que diretamente sobre o crânio havia uma camada fina de cacos de cerâmica dando a impressão de que, na hora do enterro, a cabeça do morto era coberta com uma casca de cerâmica. Além disso, o grande número de fragmentos de cerâmica – só na sepultura eu recolhi 264 – mostra claramente que vasilhas de cerâmica ou fragmentos de cerâmica foram intencionalmente enterrados junto com o corpo. Embora a superfície dos fragmentos tenha sido em parte fortemente afetada e os ossos encontrados fossem

fortemente calcinados não fornecendo uma evidência imediata para estabelecer a sua idade, em todo caso as circunstâncias indicam uma idade avançada, confirmada pelas árvores gigantes que crescem em cima. Portanto, considerando todas as circunstâncias naturais externas, não causa surpresa que os pedaços de cerâmica maiores, acumulados ou enterrados em certos locais, com o tempo se desfizeram em fragmentos menores e se espalharam por toda a camada superior. Os aterros, que na época de águas altas sobressaem na vasta área pantanosa como elevações de terreno fértil, por muito tempo deram espaço para um crescimento abundante de árvores grandes e, por consequência, foram locais de refúgio e de residência para uma fauna rica. As raízes atravessaram densamente a camada de húmus, morreram e apodreceram, liberando o espaço para outras. Assim, na sepultura, as raízes atravessaram partes de esqueleto inteiras, muitas vezes deslocando-as para longe da sua posição original. No que diz respeito à ação destruidora dos animais, especialmente visíveis eram os trabalhos enormes do tatu, que revira completamente grandes camadas de terra com suas passagens e que habita sobretudo no local da sepultura. Aqui era muito claro como as antigas passagens desse animal levam diretamente ao corpo e a decomposição do esqueleto foi fortemente acelerada pelo consumo das partes macias, sobretudo, na área da barriga e na cabeça. Os trabalhos de grandes formigas, muito numerosas nesses locais elevados, formam enormes montículos de terra em alguns lugares e causam profundos buracos em outros, com o tempo também provocando grandes deslocamentos do solo. A isso se junta a força das chuvas tropicais que se repetem todos os anos, enchem os buracos e reviram o solo até que o quente sol tropical deixa o solo endurecido de novo. Considerando essa ação conjunta anual de diversas forças, não se pode ficar surpreso que os fragmentos de cerâmica com o tempo se esfrelam em pedaços pequenos e se espalham por todo o solo.

A ocorrência numerosa de conchas de caracóis e moluscos aquáticos e de ossos de animais, espalhados por toda a camada de húmus como os cacos de cerâmica, é de fato suficientemente justificada pelas explicações acima. Nas Figuras 7 a 9, juntei um número desses ossos e conchas para oferecer uma visão geral. Entre os ossos, um leigo em zoologia imediatamente reconhece os de capivara (Figura 8, fileira 2, número 5), de jacaré (Figura 7, fileira 2, números 5 e 6) e de arraia (Figura 7, fileira⁴, números 3 e 4), i.e., animais comuns nessa área pantanosa. As informações sobre as espécies às quais pertencem os demais ossos poderiam ser fornecidas apenas por uma pesquisa zoológica especializada. Porém, para a nossa perspectiva puramente etnológica e pré-histórica, bastam os fatos estabelecidos, visto que não se pode determinar qual das duas possibilidades está presente neste caso individual: se os ossos devem ser considerados como restos de refeições humanas ou restos de refeições de animais, pois naquelas áreas nenhum cadáver fica intocado. Em todo caso, as conchas de caracóis e de moluscos aquáticos ocorrem na camada superior em uma quantidade notavelmente grande. Porém, até para isso as circunstâncias externas oferecem uma explicação suficiente. As conchas de caracóis, como as reproduzidas na 1ª fileira da Figura 9, são muitas vezes colhidas pelos Guató e, como me disseram, utilizadas como vasilhas para beber. As conchas de moluscos aquáticos, como o número 2 na 2ª fileira da Figura 9, são comumente usadas

⁴ O número da fileira não está indicado. (Nota da tradutora)

por mulheres como colheres para comer uma espécie de sopa tradicional⁵ e, portanto, quase sempre são encontradas em grandes quantidades nas moradias dos Guató ou entre seus objetos do cotidiano nas canoas. Por isso, não se pode duvidar que, quando os indígenas visitavam seus aterros, eles deixavam lá conchas de caracóis e de moluscos aquáticos ou seus restos. Contudo, a maior parte delas entrou no húmus de uma maneira natural e, talvez, em parte antes dessa terra ter sido utilizada para a elevação dos aterros, ou veio dos pássaros que ficam nas árvores dos aterros consumindo caracóis e moluscos aquáticos.

As pedras que foram encontradas nos dois aterros oferecem um problema difícil de resolver. Antes de tudo, me faltam conhecimentos geológicos necessários para poder determinar com certeza se as lascas de pedra encontradas no solo dos dois aterros podem provir da natureza ou devem ter sido trazidas lá por humanos. Fora as pedras da Figura 10, que mostram marcas de uso e correspondem às pedras utilizadas hoje em dia pelos Guató para quebrar os cocos de acuri, não encontrei nenhuma modificação humana ou marcas de uso nas pedras representadas nas Figuras 11 e 12. Porém, as pedras ocorriam muito raramente na camada de húmus dos aterros e me parece notável que uma grande porcentagem dos exemplares, que peguei sem escolher e apenas aqui na Europa limpei da sujeira que ocultava sua forma exterior, têm lados afiados ou pontas (cf. Figura 12, fileira 1). Na Figura 12, reproduzo todas as lascas de pedra e um pedaço de ocre vermelho (fileira 2, número 4) que trouxe do aterro maior. Aqui, quero deixar aberta a questão se essas lascas de pedra são realmente primitivas ferramentas de pedra, trazidas por antigos habitantes. Quero apenas destacar uma notável conformidade entre o tipo dessas lascas encontradas na área pantanosa pobre em pedra e as que têm nas paredes rochosas do morro Caracará, não muito distante.

As futuras investigações mais detalhadas dos restos culturais descobertos nas escavações devem nos dar uma explicação sobre a maneira como as pessoas criaram os aterros para dar às plantações de palmeiras acuri um lugar apropriado nessa área pantanosa.

O principal local de encontrar artefatos humanos nos aterros foi uma antiga sepultura que descobrimos durante nossas investigações do solo, no local registrado no esquema da Figura 5. Já na primeira tarde da minha pesquisa nesse local, encontrei uma ferramenta de pedra, reproduzida sob o número 1 na 1ª fileira da Figura 10, e um pedaço de crânio infantil. Quando voltei a escavar no mesmo local no dia seguinte, logo encontrei tantos ossos humanos que não se podia duvidar de, felizmente, termos descoberto um antigo lugar de enterro. Como já disse acima, o solo era fortemente revirado por raízes de árvores e por animais, de maneira que as partes dos ossos não estavam mais reunidas na sua posição original. Porém, era evidente que dois esqueletos, dos quais consegui trazer a maior parte dos ossos, tinham sido enterrados na mesma posição em que os Guató enterram seus mortos ainda hoje, a saber, bastante perto da superfície, mal atingindo 0,5 metros de profundidade, numa posição esticada, com a cabeça voltada ao oeste. Para desenterrar os esqueletos, eu e meus acompanhantes escavamos um buraco de cerca de 2 metros em diâmetro e até 0,85 metros em profundidade. A terra preta, artificialmente

⁵ Cf. a página 207 de Schmidt, Max. 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien*.

trazida, chega até cerca de 0,45 metros de profundidade, porém, nesse local, as fronteiras entre as duas camadas de solo distintas estavam muito misturadas por causa dos animais e dos enterros. Os esqueletos estavam na fronteira entre as duas camadas. Além dos dois esqueletos mencionados, retiramos ainda ossos isolados de outros esqueletos no canto nordeste da nossa escavação. Visto que não sou um antropólogo especializado, a seguir devo me referir tão somente ao exame dos demais resultados das minhas escavações. Já mencionei o malhador de pedra⁶ minimamente modificado (V.B. 7293, Figura 10, fileira 1, número 1), que foi encontrado na sepultura perto do esqueleto. Essa pedra assim como um segundo exemplar encontrado no mesmo lugar e modelado de uma maneira menos regular (V.B. 7294, Figura 10, fileira 1, número 1) mostram em vários lados claras marcas de uso, que correspondem às marcas das pedras análogas entre os Guató, usadas para quebrar cocos de acuri apoiados em uma segunda pedra⁷.

A pedra V.B.7296 (Figura 13), cujos comprimento e largura têm, no máximo, 3 e 4 metros⁸, também mostra interessantes marcas de uso. A pedra esbranquiçada tem na sua superfície uma quantidade de sulcos de afiação, que claramente serviam para afiar algumas ferramentas do cotidiano, talvez, as pontas de flecha feitas de osso, como uma encontrada na mesma sepultura. Aqui, deve ser mencionado que, ainda hoje em dia, os Guató de vez em quando afiam as pontas de osso idênticas, quando essas ficam cegas, e o fazem usualmente com um facão⁹. Como já disse acima, não consegui determinar se as demais pedras encontradas na sepultura serviam de fato como ferramentas primitivas. Reproduzo apenas alguns exemplos dessas pedras na Figura 11 e na 3ª fileira da Figura 9.

Em todo caso, a peça mais importante entre os achados dos aterros é a ponta de flecha feita de osso, encontrada na mesma sepultura. No seu formato e material, ela corresponde exatamente às pontas de flecha usadas sobretudo pelos Guató¹⁰. A extremidade da ponta de osso (V.B.7292), reproduzida na Figura 14, está quebrada, de maneira que, no seu estado atual, ela tem comprimento de apenas 5,2 cm. A distância entre as protruções na outra extremidade é de 2 cm. O osso utilizado foi recortado de tal maneira para poder ser colocado em uma haste de madeira. Assim como nas flechas guató atuais, a extremidade externa da haste fica visível através da abertura no meio da ponta de flecha¹¹. As duas extremidades inferiores da ponta servem como farpas. O estado do osso usado como o material para a ponta corresponde exatamente ao das partes do esqueleto encontradas nas proximidades. Assim como a maior parte dos ossos do esqueleto, o osso da ponta está fortemente calcinado, dando a impressão de que todos eles foram enterrados mais ou menos ao mesmo tempo.

⁶ Emprestei essa tradução, ‘malhador de pedra’, de Eremites de Oliveira, Jorge. 1995. *Os argonautas Guató*, p. 169. (Nota da tradutora)

⁷ Cf. a página 210 de Schmidt, Max. 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien*.

⁸ Provavelmente, ele quis dizer “centímetros”? (Nota da tradutora)

⁹ Cf. a página 197 de Schmidt, Max. 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien*.

¹⁰ Cf. a página 196 de Schmidt, Max. 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien*.

¹¹ Cf. a página 197 (sobretudo, a Figura 70) de Schmidt, Max. 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien*.

Perto da ponta de flecha que acabei de descrever, foi encontrada a conta de cerâmica cruamente queimada (V.B.7291), reproduzida na Figura 15. Ela tem cerca de 2 cm de diâmetro.

Em todo caso, o principal material, fornecido pelos achados nos aterros, foram os pequenos fragmentos de cerâmica, encontrados, como já foi dito, em grande quantidade no húmus trazido para os aterros artificialmente e, sobretudo, na sepultura. Dos 393 fragmentos disponíveis, escolhi para reproduzir nas Figuras 16 a 21 fragmentos da borda ou os que, através de seus ornamentos, podem nos informar sobre as propriedades dos recipientes dos quais provêm. Sob os números 2 e 3 na 3ª fileira da Figura 17, acrescentei dois fragmentos do fundo de recipientes, importantes para a questão sobre o modo de produção dos vasilhames. Visto que, sob esse ponto de vista, os fragmentos de recipientes compilados nas ilustrações representam todos os diversos tipos do material reunido, basta desconsiderar os demais fragmentos e basear nossas conclusões exclusivamente nos fragmentos ilustrados. Para separar os achados segundo o local, compilei nas Figuras 16 e 17 os fragmentos encontrados no aterro maior, na Figura 18 os de diversos locais do aterro menor, e nas Figuras 19 a 21 os encontrados na antiga sepultura do aterro menor.

No que concerne as propriedades do material dos fragmentos, há todas as variantes: de uma cerâmica cruamente queimada e de paredes grosseiras (cf. os números 1 a 3, fileira 1, Figura 21) até uma cerâmica mais queimada e de paredes bastante finas (cf. os números 1 a 3, fileira 1, Figura 16). Tirando as bordas, que muitas vezes são fortemente engrossadas, a grossura dos fragmentos é um pouco maior de 0,5 cm na maioria dos casos e chega a 1,1 cm em alguns casos (cf. o número 2, fileira 1, Figura 21). O fragmento mais fino é o número 2 na 1ª fileira da Figura 16, sua grossura é apenas 0,2 cm. Nenhum fragmento tem vestígios identificáveis de alguma pintura no lado externo. A coloração da cerâmica, que varia fortemente entre o preto, o cinza, o amarelado e o avermelhado, parece ter sido provocada, sobretudo, pelas diferenças do manuseio durante a queima ou pelo grau da queima. Em alguns fragmentos fracamente queimados, apenas a camada externa da superfície tem uma coloração amarelada ou avermelhada, enquanto o interior preservou a coloração cinza original.

O panorama geral, proporcionado pelas ilustrações dos fragmentos de cerâmica encontrados em diversos locais, já permite reconhecer que aqui se trata de um material completamente uniforme do ponto de vista cultural. Não há nenhum vestígio de alças ou outros tipos de acessórios nos vasilhames. O ornamento presente na borda superior de uma parte dos fragmentos da borda consiste em listras primitivas, assim como os ornamentos simples que ocorrem, em raros casos, nos fragmentos que não são da borda (cf. Figura 19, fileira 4, números 1 a 5; Figura 18, fileira 3, número 1).

Com base na ornamentação, podemos distinguir quatro grupos de fragmentos da borda. No primeiro, estão os fragmentos com a borda simples e lisa, como, por exemplo, na Figura 21, fileira 1. No segundo, estão os com a borda em relevo, mais ou menos claramente destacada, como, por exemplo, na Figura 16, fileira 2. No terceiro, estão os com a borda em relevo e ornamentada com linhas entalhadas, que correm obliquamente, como, por exemplo, na Figura 19, fileira 2, números 1 a 4. No quarto grupo, estão os fragmentos com a borda em relevo e ornamentada com entalhes que correm de uma

Schmidt, Max. 1914. Die Aterrados am Caracara-Fluss. In Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-Fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv: Beiträge zur Völkerkunde*, 4, 251-266.

Tradução de Kristina Balykova

maneira circular, como na Figura 16, fileira 1, números 1 a 3. Enquanto todos os tipos foram encontrados no aterro menor, tanto na sepultura como nos demais locais, o terceiro tipo não ocorreu entre os fragmentos encontrados no aterro maior, o que pode ser um acaso, considerando um número relativamente pequeno dos fragmentos da borda escavados no aterro maior. Não quero discutir em detalhes a forma desses quatro tipos de ornamento da borda, pois eles são bastante evidentes nas Figuras 16 a 21.

Resta mencionar dois tipos de ornamentos distintos, presentes em alguns pequenos fragmentos que não são fragmentos da borda. Os fragmentos do primeiro tipo estão reproduzidos na Figura 18, fileira 3, número 1, e na Figura 19, fileira 4, números 4 e 5. A ornamentação muito primitiva é feita com linhas grossamente impressas ou riscadas, que correm vertical e horizontalmente. O segundo tipo de ornamentação consiste em fileiras de riscos pequenos e fracos, que parecem ser distribuídos pela superfície de uma maneira desordenada. Esse tipo está reproduzido na Figura 19, fileira 4, números 1 a 3.

Para finalizar, gostaria de destacar os dois fragmentos de vasilhame que provêm do aterro maior e estão reproduzidos na Figura 17, fileira 3, números 2 e 3. A superfície externa dessa cerâmica possui uma cor amarelada ou amarelo-avermelhada. A borda redonda permite reconhecer que se trata de fragmentos dos discos de cerâmica que, ainda hoje, constituem a base para a confecção de uma grande jarra de água, *matũ*, entre os Guató. Sobre esses discos, se montam o resto do fundo e as paredes do recipiente. Na época, pude notar isso numa jarra quebrada. Do seu fundo, tinha caído uma peça circular muito parecida, que fazia parte do recipiente na hora da sua produção.

O panorama do conjunto dos artefatos encontrados nos aterros deixa evidente que se trata de uma cultura idêntica em todos os pontos essenciais à cultura dos Guató atuais. Já mencionei acima a correspondência entre os malhadores de pedra encontrados e as pedras usadas hoje em dia pelos Guató para quebrar os cocos de acuri, assim como a semelhança absoluta entre as pontas de flecha feitas de osso encontradas e as dos Guató atuais. Dos quatro tipos de ornamentos identificados nos fragmentos da borda, três correspondem exatamente às formas que, ainda hoje, são as únicas que ocorrem na borda superior dos vasilhames guató. Assim, nos vasilhames guató modernos ilustrados no meu livro *Indianerstudien in Zentralbrasilien*, temos a borda lisa nas Figuras 79 e 80, a borda em relevo e claramente destacada nas Figuras 81, 82, 89 a 91 e, por fim, a borda em relevo e ornamentada com riscos oblíquos na Figura 82 (o vasilhame inferior). Entre os Guató atuais, faltam apenas recipientes com a borda em relevo e ornamentada com as linhas entalhadas que correm circularmente. Porém, aqui se deve notar que esse último ornamento é relativamente raro até entre os achados dos aterros e foi encontrado apenas em seis casos. Assim, temos um bom motivo para afirmar que os fragmentos de vasilhames encontrados nos aterros correspondem, de modo geral, à olaria guató atual. Portanto, as investigações dos artefatos encontrados nos aterros permitem concluir que os ancestrais dos Guató atuais devem ser considerados como os antigos construtores dos aterros. Eles elevavam os aterros para suas plantações de acuri, consumiam a chicha e, por vezes, faziam suas refeições nos aterros, igual aos Guató atuais. Por fim, também

Schmidt, Max. 1914. Die Aterrados am Caracara-Fluss. *In* Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-Fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv: Beiträge zur Völkerkunde*, 4, 251-266.

Tradução de Kristina Balykova

como os Guató atuais, eles usavam os aterros para enterrar seus mortos numa posição esticada.

Além disso, os achados lançam uma luz interessante sobre o estado cultural dos Guató antes do seu primeiro contato com os europeus. Nesse sentido, é muito importante que nos aterros não foi encontrado nenhum exemplar de ferramentas de pedra afiadas, como machados de pedra, mas sim os malhadores de pedra grosseiros, usados ainda hoje. Portanto, antes do contato com os invasores europeus, os Guató viviam completamente em um período cultural que pode ser melhor comparado com o paleolítico, estabelecido por especialistas em pré-história.

Figura 1 (p. 252). O rio Caracará. A área dos Guató.

Figura 2 (p. 253). O aterro maior no rio Caracará.

Figura 3 (p. 253). O aterro menor no rio Caracará.

Figura 4 (p. 254). O esquema do aterro maior no rio Caracará.

Figura 5 (p. 254). O esquema do aterro menor no rio Caracará.

Figura 6 (p. 255). A plantação de palmeiras acuri e a sepultura guató no aterro maior no rio Caracará.

Figura 7 (p. 257). Ossos de animais do aterro maior.

Figura 8 (p. 258). Ossos de animais do aterro menor, principalmente, da antiga sepultura.

Figura 9 (p. 259). Conchas de caracóis e de moluscos aquáticos e lascas de pedra dos aterros, principalmente, da antiga sepultura.

Figura 10 (p. 260). Malhador de pedra da antiga sepultura no aterro menor no rio Caracará.

Figura 11 (p. 260). Pedras da antiga sepultura no aterro menor no rio Caracará.

Figura 12 (p. 261). Pedras do aterro maior no rio Caracará.

Figura 13 (p. 261). Pedra com sulcos de afiação da antiga sepultura no aterro menor no rio Caracará.

Figura 14 (p. 262). Pontas de flecha feitas de osso da antiga sepultura no aterro menor no rio Caracará.

Figura 15 (p. 262). Conta de cerâmica da antiga sepultura no aterro menor no rio Caracará.

Figura 16 (p. 263). Fragmentos de cerâmica do aterro maior no rio Caracará.

Figura 17 (p. 263). Fragmentos de cerâmica do aterro maior no rio Caracará.

Figura 18 (p. 264). Fragmentos de cerâmica do aterro menor no rio Caracará.

Schmidt, Max. 1914. Die Aterrados am Caracara-Fluss. *In* Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-Fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv: Beiträge zur Völkerkunde*, 4, 251-266.
Tradução de Kristina Balykova

Figura 19 (p. 265). Fragmentos de cerâmica da sepultura no aterro menor no rio Caracará.

Figura 20 (p. 266). Fragmentos de cerâmica da sepultura no aterro menor no rio Caracará.